

INSTITUTO FEDERAL DA PARAÍBA  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS A DISTÂNCIA

ANNA PAULA DIONÍSIO RAMOS

Representações de Mulheres no Romance “*Torto Arado*”, de Itamar Vieira Júnior

PICUÍ,  
2022

ANNA PAULA DIONÍSIO RAMOS

Representações de Mulheres no Romance “*Torto Arado*”, de Itamar Vieira Júnior

Artigo apresentado como requisito para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras a Distância.

Orientadora: Prof (a) Dra. Virna Lúcia Cunha de Farias

PICUÍ,  
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP  
Biblioteca do IFPB, *Campus* João Pessoa

R175r	<p>Ramos, Anna Paula Dionísio. Representações de mulheres no romance “Torto Arado”, de Itamar Vieira Júnior / Anna Paula Dionísio Ramos. – 2022. 37 f.</p> <p>Artigo (Graduação – Licenciatura em Letras à Distância) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB / Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras à Distância. Orientadora : Prof<sup>a</sup>. Dra. Vilma Lúcia Cunha de Farias.</p> <p>1. Análise literária. 2. Imagem da mulher. 3. Torto Arado - Romance. I. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU 82.09-055.2</p>
-------	--

## FOLHA DE APROVAÇÃO

ANNA PAULA DIONÍSIO RAMOS

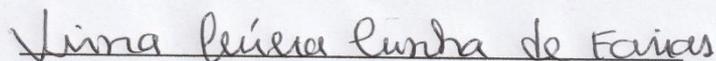
Representações de Mulheres no Romance “Torto Arado”, de Itamar Vieira Júnior

Artigo apresentado como requisito parcial para  
aprovação do Curso de Licenciatura em Letras  
a Distância.

Orientadora: Prof (a) Dra. Virna Lúcia Cunha  
de Farias

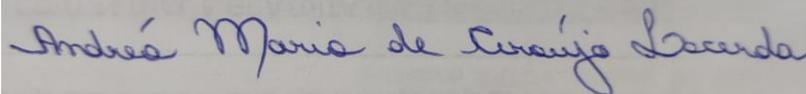
Aprovado em 04 de julho de 2022.

### BANCA EXAMINADORA



---

Presidente: Orientadora: Professora Dra. Virna Lúcia Cunha de Farias – IFPB



---

Examinador (a): Prof (a) Dr<sup>a</sup> Andrea Maria de Araújo Lacerda - IFRN



---

Examinador (a): Prof Dr<sup>o</sup> João Edson Rufino - IFPB

*Dedicatória*

*“Dedico este trabalho a Deus. Sem ele nada seria possível.”*

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela minha vida, e por me ajudar a ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo do curso.

Aos meus pais, Aluísio e Juliêta, e irmãs, Raquel e Kelly, que sempre me incentivaram nessa estrada em busca de conhecimento.

Ao meu amado esposo, William, que dividiu comigo as alegrias e turbulências dessa jornada, compreendendo minha ausência enquanto eu me dedicava à realização deste trabalho. Obrigada por tudo.

A minha orientadora, Professora Doutora Virna Lúcia Cunha de Farias, pela alegria de encontrá-la, pela paciência e pelas orientações fundamentais para construção deste trabalho.

Ao IFPB *Campus* Picuí e a todos os professores do meu curso pela elevada qualidade do ensino oferecido.

*“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria  
produção ou a sua construção.”*  
(Paulo Freire)

## RESUMO

O presente estudo visa analisar a imagem da mulher na literatura brasileira contemporânea, utilizando a obra *“Torto Arado”*, de Itamar Vieira Júnior, publicada em 2019. Essa análise justifica-se devido à imagem da mulher muitas vezes ter sido associada a estereótipos de perfeição, submissão e fragilidade, sendo o casamento e a maternidade o ápice da felicidade feminina, segundo algumas obras das escolas literárias brasileiras. Diferente do que costumamos ler em obras ambientadas em locais rurais, Itamar Vieira Júnior mostra uma visão de força e coragem de mulheres, que lutam pela terra. Por isso escolhemos *“Torto Arado”* devido espaço em que ocorre, uma fazenda na chapada Diamantina, e pelo fato de ser um romance em que a narrativa acontece através do olhar de três personagens, femininas: Belonísia, Bibiana e Santa Rita Pescadeira. Para o estudo utilizamos como procedimentos técnicos, pesquisas bibliográficas, com uma revisão de literatura, entre dissertações, livros, artigos, que auxiliaram na análise do tema, além da leitura aprofundada do romance *“Torto Arado”* e seus desdobramentos. A análise permite inferir que *“Torto Arado”*, ocorrido pós abolição da escravidão, retrata histórias de mulheres que vivem a maternidade, o casamento, os problemas conjugais, a fome, a seca e a humilhação, mas que se impõem diante das problemáticas que surgem, especialmente pela luta da posse de suas terras. Assim, elas mostram mulheres protagonistas de sua vida, desmontando uma visão diminuta do olhar de autores perante a mulher na sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura. Imagem da mulher. Torto arado.

## **ABSTRACT**

The present study aims to analyze how the image of women occurs in contemporary Brazilian literature, using the work “Torto Arado” by Itamar Vieira Júnior, published in 2019. This analysis is justified because the image of women has always been associated with a stereotype of perfection, submission and, with marriage and motherhood being the apex of the feminine, according to some works from Brazilian literary schools. Thus, unlike what we usually read in works set in rural locations, Itamar Vieira Júnior shows a vision of strength and courage of women, who fight for their land. That’s why we chose “Torto Arado” because of the context in which it takes place, a female farm in the Chapada Diamantina, and because it is a novel in which a narrative through the eyes of three characters occurs: Belonísia, Bibiana and Santa Rita Pescadeira. To use as procedures, bibliographic research, with a literature review, articles, auxiliary studies in the analysis and analysis of the novel by Torto Arado. Thus, the analysis allows in Torto Arado, which took place after the abolition of slavery, stories of women who experience motherhood, marriage, marital problems, drought hunger, humiliation in the face of the problems they are, especially for the conjugal struggle of possession of their lands. Thus, they show that women have always been protagonists of their lives, the most remote times, however, what prevailed was a diminished vision of authors' view of women in society.

**KEYWORDS:** Literature. Woman's image. Torto Arado.

## SUMÁRIO

1. Introdução.....	11
1.1 O Livro “ <i>Torto Arado</i> ” de Itamar Vieira Junior.....	12
1.2 A Mulher no Romance “ <i>Torto Arado</i> ” de Itamar Vieira Júnior.....	17
1.2.1 Violência, Solidariedade e Força das Mulheres de “ <i>Torto Arado</i> ” .....	17
2. Contexto Sociopolítico da Obra “ <i>Torto Arado</i> ”.....	24
3. Instâncias Narrativas Em “ <i>Torto Arado</i> ” .....	28
4. Perspectivas Pós-Modernas em “ <i>Torto Arado</i> ”.....	29
5. O Poder das Representações Coletivas e as Identidades Sociais.....	30
6. Percurso Metodológico.....	33
7. Considerações Finais.....	34
8. Referências Bibliográficas.....	37

## 1. INTRODUÇÃO

Em muitos romances que compõem as escolas literárias brasileiras, as mulheres, muitas vezes, figuravam um espaço de distanciamento da realidade. Esse distanciamento estava associado à ideia de que a mulher não poderia ser atuante em seus direitos, sendo o casamento e maternidade o ápice de sua felicidade. Assim, às mulheres era reservada a imagem de submissão, perfeição e fragilidade. Essa ideia de a mulher ser o “sexo frágil” atravessa gerações e retratadas em algumas obras da literatura brasileira. Não é à toa que os romances de grandes autores que compuseram as escolas literárias brasileiras debruçaram-se em histórias em que a mulher era uma figura inatingível, impalpável, uma figura perfeita, como na 2ª geração romântica; ou uma pessoa frágil, que sempre tinha seu comportamento moldado às vontades do patriarcado, pois caso contrário era rotulada com uma “mulher sem classe”, e que se não se enquadrava nos moldes da sociedade à época. Esse cenário estigmatizado da representação feminina em nossa sociedade é documentado, como mencionado anteriormente, em obras clássicas da nossa literatura brasileira como, por exemplo, **Memórias de um sargento de milícias** (1854), do escritor carioca Manuel Antônio de Almeida (1831-1861) e **Senhora** (1875), do consagrado literato cearense José de Alencar (1829-1877).

Conforme preconiza Del Priori (2001, p.299) a respeito da mulher descrita em obras da literatura brasileira,

O papel das mulheres dentro do seio familiar era o de uma educadora, mãe dedicada e atenciosa. Não obstante, ela também assumia uma importante função para o bom desempenho da família, uma vez que os homens eram dependentes da imagem que suas esposas pudessem traduzir para o restante das pessoas.

As obras de Manuel Antônio de Almeida e Alencar, citadas acima, de fato, não foram as únicas publicadas ao longo da segunda metade do século XIX que seguem com um discurso estereotipado da mulher. No entanto, para o presente trabalho, faremos um salto para o século XXI, pois optamos por escolher uma obra da literatura contemporânea para analisar como ocorre imagem da mulher, em nosso século.

Assim, a escolha da obra “*Torto Arado*” de Itamar Vieira Júnior, decorre de ter sido uma obra estudada durante o curso e por trazer mulheres protagonistas e narradoras na obra. A mulher no romance de Itamar Vieira Júnior, “*Torto Arado*”, que foi ganhador do Prêmio Jabuti de Melhor Romance de 2020 e que traz um cenário do sertão brasileiro permeado de imbricadas relações servis, sociais, ambientada por marcas de trabalhos escravo, mesmo após a abolição, além da violência, seca, crenças, lendas e religiosidades próprias da mestiçagem cultural, da ancestralidade africana e que, no Brasil, existem, atualmente, apenas na região da Chapada Diamantina, local onde ocorre o enredo.

Em tese, esse seria o cenário ideal para que o autor imprimisse uma imagem de mulheres oprimidas, donas de casa submissas à vontade de seus maridos e que não tinham em outra instituição o motivo que movesse suas vidas. Porém, o autor traz à tona a voz feminina, através das narrativas das personagens principais, as irmãs Bibiana e Belonísia, e da entidade encantada, Santa Rita Pescadeira que, descrevendo de forma minuciosa suas vivências, expressam sentimentos de revoltas oriundos da violência social sofrida ao longo de suas vidas em Água Negra, fazenda onde ocorre o enredo do romance, além de força e superação como resultado da dinamicidade com que suas vidas foram submetidas para poderem permanecer na terra onde nasceram.

Ante o exposto, a presente pesquisa objetiva investigar a seguinte indagação: Como ocorre a representação da mulher no romance “*Torto Arado*” de Itamar Vieira Júnior? Para isso, foram utilizados como procedimentos técnicos necessários uma revisão de literatura, entre dissertações, livros, artigos, que auxiliaram na análise do tema. A partir da indagação acima levantada, propusemos os objetivos a seguir.

- Objetivo Geral:

Analisar a representação da mulher no romance “*Torto Arado*” de Itamar Vieira Júnior.

- Objetivos específicos:

1. Discutir o romance “*Torto Arado*” sob o olhar das personagens e suas vivências no período pós-abolicionista no Brasil.
2. Compreender a relação sociopolítica ambientada na obra analisada.
3. Estudar as instâncias narrativas, as perspectivas pós-modernas e o poder das representações coletivas e identidades sociais em “*Torto Arado*”.

### **1.1 O livro “*Torto Arado*” de Itamar Vieira Junior**

A obra analisada, composta por 262 páginas, é dividida em três partes, sendo cada uma narrada por vozes femininas que contam a história através de suas perspectivas. “*Torto Arado*” foi vencedor de vários prêmios como Leya 2018, em Portugal, e os Prêmios Jabuti e Oceanos de literatura, no Brasil, em 2020. A obra encanta os leitores pela forma como o autor descreve os detalhes da realidade vivida pelas personagens, através de uma linguagem fluída e simples. Vieira Júnior traz para a narrativa personagens resilientes que conseguem adaptar-se, renascendo diante das intempéries a que são submetidas. E o que aproxima o leitor da vivência desses indivíduos é justamente sua dinamicidade que muito se assemelha à mobilidade com a qual o ser humano mantém-se até hoje, pois vivemos em um mundo que está em permanente deslocamento. Basta nós olharmos para as guerras, as migrações de famílias venezuelanas,

ucranianas, colombianas que precisam adaptar-se a novas realidades devido as perseguições vivenciadas em seus respectivos países. Ser resiliente talvez seja uma característica marcante dos personagens de “*Torto Arado*” que trazem no sentido da comunidade, por vezes, o sentido da família, de unidade pela luta para posse daquilo que já era seu: a terra.

Pesquisando sobre o autor da obra Plataforma Lattes, verificamos que ele é Analista em Reforma e Desenvolvimento Agrário do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), atualmente atuando no estado da Bahia, onde desenvolve atividades no Serviço de Regularização de Territórios Quilombolas (LATTES, 2022). À vivência do autor *in loco* nas comunidades quilombolas, onde teve contato com os moradores, pode ser uma explicação para um olhar íntimo, enraizado à história retratada, como se tivesse vivido aquela realidade.

Outro aspecto relevante desta obra é o fato de sua atemporalidade. A época em que “*Torto Arado*” é ambientada encaixa-se em um Brasil Colônia, como também em um Brasil de 2022, visto que ainda temos pessoas do campo que vivenciam a realidade retratada na obra, mesmo com as leis e decretos que lhes dão “mais segurança”. Assim, o autor desafia o leitor através de pistas, a identificar, de fato, a época em que a história é narrada. Essas pistas ocorrem através da descrição do carro *Ford Rural* que vai buscar Bibiana e Belonísia quando, ainda crianças, uma das irmãs corta a sua língua com a faca com cabo de marfim da avó Donana, ainda na primeira parte do livro: *Fio de Corte*.

O gerente da fazenda chegou numa Ford Rural branca e verde para nos conduzir ao hospital. Essa Rural, como chamávamos, servia aos proprietários quando estavam na fazenda, servia a Sutério para os trabalhos como gerente, se deslocando entre a cidade e Água Negra, ou percorrendo as distâncias na própria fazenda, quando não queria fazer a cavalo (VIEIRA JÚNIOR, 2019.p. 13)

Outra pista que é dada ao leitor sobre a temporalidade da obra, é narrada por Belonísia na parte “*Torto Arado*”:

Em meio à mobilização, eu ficava de bom grado com as crianças para que ela pudesse escrever, trabalhar, andar com Severo procurando ajuda na garupa da motocicleta que ele havia adquirido (...) Iam a sindicato, a reuniões. Voltavam, faziam mais reuniões, escondidos ora na casa de um, ora na casa de outro. (VIEIRA JÚNIOR, 2019.p. 176)

Continuando a leitura, vemos que a história é ambientada na Fazenda Água Negra localizada no sertão brasileiro. Esse ambiente é marcado por um forte patriarcalismo, manifestado nas relações do latifúndio, o trabalho massacrante, as marcas da violência. O autor detalha bem o ambiente de moradia das personagens criando um verdadeiro retrato poético triste desse lugar: árvores derrubadas e retalhadas, outras secas, jacas moles que atraem moscas e abelhas, restos de barro, todo tipo de objetos jogados em volta das moradas – pentes, frascos vazios de perfume, canecas e pratos, bacia amassada.

Em obras das escolas literárias que compõem a história da nossa literatura brasileira temos enredos de heróis, protagonistas, vilões e personagens que remetem à força e a algum tipo de protagonismo sendo ligados aos homens. Somos sempre cercados desses personagens, por vezes, mortos e definitivamente imortalizados nas páginas dos considerados clássicos, escritos por Machado de Assis, José de Alencar e outros.

Entretanto, o romance *“Torto Arado”*, de Itamar Vieira Júnior, figura com um forte diferencial ao retratar em um cenário do sertão, a força e protagonismo das personagens femininas do seu romance. Estamos falando das personagens Bibiana e Belonísia, irmãs e filhas de Salustiana Nicolau (Salu) e Zeca Chapéu Grande (José Alcino), trabalhadores rurais de Água Negra, que juntamente com a entidade encantada - Santa Rita Pescadeira - , serão as narradoras das três partes que compõem o romance: Fio de Corte, Torto Arado e Rio de Sangue. Partindo daí, já temos um diferencial do livro, visto que a história é contada sob a ótica dessas personagens femininas.

A narrativa inicia-se com a parte intitulada “Fio de Corte” que tem seu clímax já nas primeiras falas da narradora, Bibiana. Ela, muito detalhadamente, vai narrar o acidente que ocorreu com ela e com sua irmã Belonísia, que por um ímpeto de curiosidade, acabam ferindo a língua com a faca da avó Donana, sendo este episódio um marco da união dessas irmãs, que de tão íntimas, tornaram-se uma a voz da outra.

Quando retirei a faca da mala de roupas, embrulhada em um pedaço de tecido antigo encardido com nódoas escuras e um nó no meio, tinha pouco mais de sete anos. Minha irmã, Belonísia, que estava comigo, era mais nova um ano (VIEIRA JUNIOR, 2019, p.9).

[...] encontraram minha avó desorientada, com nossas cabeças mergulhadas numa tina de água, gritando: Ela perdeu a língua, ela cortou a língua. [...] A tina era uma poça vermelha e nós duas chorávamos. Quanto mais chorávamos abraçadas, querendo pedir desculpas, mais ficava difícil saber quem tinha perdido a língua, quem teria que ir para o hospital a léguas de Água Negra (VIEIRA JUNIOR, 2019, p.13).

Após o acidente com a faca, as irmãs se tornam ainda mais unidas:

Foi assim que me tornei parte de Belonísia, da mesma forma que ela se tornou parte de mim. Foi assim que crescemos, aprendemos a roçar, observamos as rezas de nossos pais, cuidamos dos irmãos mais novos. Foi assim que vimos os anos passarem e nos sentimos quase siamesas ao dividir o mesmo órgão para produzir os sons que manifestavam o que precisávamos ser (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 24).

Bibiana e Belonísia dão voz às histórias dos outros personagens da trama como a de seus pais, a de sua avó, a de Maria Cabocla, a de Severo e a dos proprietários da fazenda. A maneira como a história é narrada pelas personagens, com uma linguagem fluída, apresenta ao leitor a visão do mundo vivido por eles com detalhes de uma vida repleta de injustiça e preconceitos.

Bibiana empresta sua voz para mostrar ao leitor a realidade dos que vivem em um Brasil bem diferente do que preconiza as legislações do nosso país. Nesse Brasil, ecoado através das narradoras de Vieira Júnior, não há escolas, assistência à saúde ou qualquer tipo de política pública por parte do governo.

As crianças eram as que mais padeciam: paravam de crescer, ficavam frágeis e por qualquer coisa caíam doentes. Perdi as contas de quantas não resistiram à má alimentação e seguiram sem vida, em cortejo, para o cemitério da Viração. As velas que meu pai acendia para cada criança pareciam não querer permanecer acesas: mesmo sem ventos ou golpes de ar, se apagavam. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p.60).

Vieira Júnior descreve os acontecimentos em “*Torto Arado*” semelhante à forma como as pessoas lidam com seus acontecimentos da vida, isto é, no nosso cotidiano temos segredos guardados que são revelados ao longo do tempo e isso acontece na obra, pois vamos descortinando os segredos dos personagens apenas com o passar da leitura. A maneira como o autor dispôs as informações em ciclos, em fases, como assim fazem as pessoas na vida real, por isso, dizemos que a narrativa de “*Torto Arado*” muito assemelha-se à oralidade. Uma prova dessa marca é que o acidente que envolve Bibiana e Belonísia, no início do romance, deixa no ar a dúvida de quem, de fato, havia perdido sua língua. Apenas na segunda parte “*Torto Arado*” é que descobrimos, sem sombra de dúvida, que quem havia perdido a língua era Belonísia, através da passagem:

A faca que num impulso retirei da boca de Bibiana para repetir o gesto, naquela idade em que queremos ser como os irmãos mais velhos, sem perceber que da boca de minha irmã minava sangue. Sem perceber o perigo do fio de corte da lâmina que produzia um lume violento. O lume que deceparia minha língua. Me encerraria, sem palavras, envergonhada do que tinha feito a mim mesma, como o arame que me cercava naquele campo (VIEIRA JUNIOR, 2019, p.78).

Porém, Belonísia, assim como Bibiana, empresta sua voz para retratar as dificuldades dos que sofrem por não poder usufruir das coisas mais simples e triviais da vida como direito básicos à higiene, saúde e educação. Essa falta de componentes básicos que todo ser humano tem o direito de usufruir é relatada em várias passagens da obra.

Essa era a razão de todo o esforço que meu pai fez para que tivéssemos um professor e, percebendo que não era o suficiente, uma escola. Meu pai não era alfabetizado, assinava com o dedo de cortes e calos, de colher frutos e espinhos da mata (VIEIRA JUNIOR, 2019, p.56)

Precisou da intervenção de Santa Bárbara para que o Prefeito “cumprisse” a promessa da construção da escola em Água Negra,

E não foi com espanto que vi naquela noite, antes de todos os outros encantados chegarem e se abrigarem no seu corpo, Santa Bárbara girar, gritar e parar com sua espada apontada para o prefeito, a quem fez honras, como se cumprimentasse um monarca, mas também como se se dirigisse a um súdito, para lhe pedir, na frente da audiência, que cumprisse a promessa feita no passado – e que não me recordo de

sabermos – de construir uma escola para os filhos dos trabalhadores (VIEIRA JUNIOR, 2019, p.57).

Mesmo construída, a escola não foi um berço de aprendizagem e construção social para as crianças que a frequentaram, pois pelas palavras de Belonísia sua vivência naquele local não foi das mais agradáveis:

Minha apatia vinha também de perceber que havia crianças muito mais novas, algumas mais dispostas a aprender, lendo com muitos erros, mas em voz alta, sendo interrompidas a cada duas palavras por dona Lourdes para corrigir a pronúncia (VIEIRA JUNIOR, 2019, p.84).

Belonísia dizia que a professora contava “histórias mentirosas sobre a terra” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p.99). Ela que tinha um apego e admiração especial pelo trabalho de seu pai, via nele uma fonte de inspiração a ser seguida. Era ao lado dele que aprendia coisas que considerava mais relevantes do que os ensinamentos de dona Lourdes, a professora que adotava uma pedagogia tradicional e conteudista. Pois ela se interessava pelos saberes advindos da própria experiência com a terra. “Deixei caderno e lápis num canto do quarto e, mesmo percebendo meu pai amuado com o meu desinteresse pela escola, fiz valer meu querer” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p.84), pois

Com Zeca Chapéu Grande me embrenhava pela mata nos caminhos de ida e de volta, e aprendia sobre as ervas e raízes. Aprendia sobre as nuvens, quando haveria ou não chuva, sobre as mudanças secretas que o céu e a terra viviam. Aprendia que tudo estava em movimento – bem diferente das coisas sem vida que a professora mostrava em suas aulas (VIEIRA JUNIOR, 2019, p.85).

Além dessa problemática educacional, havia a precariedade sanitária, estampada em “*Torto Arado*” na passagem em que uma visitante de Água Negra precisa ir ao banheiro, porém não há naquele local. “Numa das vezes, teve dor de barriga e sentiu horror ao descobrir que não havia banheiro em nenhuma das casas, nem na escola” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p.186).

Além desses episódios, Belonísia conta sobre os períodos de extrema seca, onde a chuva era tão forte que destruía as plantações.

Disputamos a palma com o gado da fazenda. (...) Era possível capturar algumas aves como o jacu, inhambu e juriti, mas essas aves quase não tinham carne, então nos contentávamos com o gostinho dos ossos (...) Houve até o caso de uma família que morreu depois de comer uma sariema no desespero da fome; a ave havia comido uma cascavel e sua carne estava impregnada do veneno peçonhento (VIEIRA JUNIOR, 2019, p.59).

Além dessas cenas retratadas, as personagens nos mostram as migrações para a “cidade grande” que muitos moradores faziam em busca de uma vida melhor. Essa realidade recaiu sobre Bibiana e seu marido-primo Severo, quando já crescidos começam a ter lampejos sobre a crueldade na qual suas vidas e de suas famílias estão inseridas, partem para longe de sua

comunidade atrás de estudos e melhores oportunidades de trabalho. Retornam anos depois a Água Negra, já com filhos, para se juntarem novamente às suas famílias.

A narrativa é encerrada na parte “Rio de Sangue” pela voz da entidade do jarê, Santa Rita Pescadeira, que aparece como uma resistência espiritual, cultural e política, muito antes das lutas sindicais, encabeçadas por Severo e continuadas por Bibiana, após a morte de seu marido. Santa Rita Pescadeira se encarrega de contar ao leitor o que ainda não havia sido exposto, além de revisitar tempos pretéritos em sua mente. Essa entidade nos mostra a vivência análoga à escravidão a qual muitos trabalhadores eram submetidos naquela localidade.

De suas palavras surgem passagens de resistência e luta que visam construir novas narrativas para os moradores de Água Negra: “Queriam ter casas de alvenaria. Queriam moradas que não se desfizeram com o tempo e que demarcasse de forma duradoura a relação deles com Água Negra” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 255).

Assim, “*Torto Arado*” expõe uma realidade já muito lida nos livros didáticos que alguns imaginam não ser mais reais ou presentes, mas que, infelizmente, são fatos que ainda perpassam as gerações no nosso país.

## **1.2 A MULHER NO ROMANCE “TORTO ARADO” DE ITAMAR VIEIRA JÚNIOR**

“*Torto Arado*” é narrado por três personagens femininas: Bibiana, Belonísia e Santa Rita Pescadeira. No entanto, o romance ainda traz algumas personagens marcantes para a narrativa como Maria Cabocla, Salustiana, Donana e as irmãs Crispina e Crispiniana e Dona Miúda. Ao traçar um perfil em comum entre essas personagens, podemos perceber a força e superação que elas transmitem diante dos acontecimentos que cercam suas vidas na fazenda Água Negra. Assim, “*Torto Arado*” utiliza-se da vivência repleta de segredos, desafios e superação que essas personagens passam em Água Negra. As vozes que nos relatam os acontecimentos daquela região ecoam um Brasil ainda presente, mas que ainda é muito silenciado.

### **1.2.1 Violência, Solidariedade e Força das mulheres de “Torto Arado”**

Maria Cabocla chega à Água Negra acompanhada de seu marido e de seus seis filhos. Conforme Belonísia vai contando sua própria história com Tobias é inevitável que nossa narradora dedique parágrafos para contar um pouco da história de Maria Cabocla que vai ser modificada através da força de Belonísia (Belô). Maria, que era reflexo de uma cultura machista de que mulher nasceu para casar, cuidar da casa e procriar, teve um casamento precoce quando

tinha quatorze anos de idade. Ela era vítima de violência tanto física, quanto psicológica, por parte de Aparecido, seu marido.

Um dia, logo depois de Tobias sair a cavalo para a lida com Sutério, Maria Cabocla adentrou a casa (...) estava com a roupa rasgada, chorando muito, o corpo tremia, carregava seu menino caçulo também aos prantos (...) Maria Cabocla me disse que fugia do marido, que estava louco, ensandecido, e que as outras crianças haviam se embrenhado na mata (VIEIRA JUNIOR, 2019, p.103).

Belonísia, diante do estado em que se encontrava Maria Cabocla, mesmo temendo alguma retaliação de Aparecido, acolheu a mulher, cuidando de suas feridas aparentes. Foi aí que, pela primeira vez, conheceu o rosto de Maria, pôde vê-la e enxergar uma mulher com traços acobreados, de cabelos negros e lisos, no entanto com a pele maltratada pelo sol e pela seca, assim como eram a maioria das mulheres do campo.

Depois de receber o apoio de Belonísia, Maria volta para casa, acreditando que a raiva de Aparecido já havia passado, ou seja, a mulher vive um dia após o outro, sem conseguir tomar nenhuma atitude para que esse ciclo de violência cesse. Neste momento, percebemos um Brasil ainda muito presente em nossa sociedade. Essa passagem da obra nos leva para 2022, porque até hoje as mulheres são constantemente agredidas por seus companheiros e/ou por aquele que se acha no direito de agir dessa forma, por ser homem. Segundo reportagem recente do Portal de Notícias da Globo (G1), estima-se, globalmente, que 27% das mulheres de 15 a 49 anos tenham passado por algum tipo de violência doméstica pelo menos uma vez na vida desde os 15 anos (G1, 2022). Assim, a realidade de Maria Cabocla leva o leitor a associar diversos casos que vemos constantemente na mídia ou, infelizmente, a algum caso de algum parente ou alguém próximo.

A crença dos moradores de Água Negra era muito significativa nas entidades a ponto de Belonísia pensar em sugerir a Maria Cabocla que falasse com seu pai, Zeca Chapéu Grande, para que Aparecido ficasse curado da bebida pelo uso das garrafadas e ervas que Zeca preparava. Elas acreditavam que a culpa exclusiva daquele comportamento hostil de Aparecido era por conta da bebida. Seguindo a leitura, somos surpreendidos pela passagem em que Tobias levanta a mão para bater em Belonísia, mas a susteve no ar diante dos olhos ferozes com que Belô o olhava.

Assim, a própria história nos mostra situação semelhante ocorrendo com o marido de Belonísia, que bebia constantemente, porém não ousou encostar um dedo nela, talvez pela forma como Belô se portava diante dele, sempre segura e com olhar desafiador.

Outro caso de um casamento precoce em mal sucedido retratado é o de Maria Cabocla. Ela casou-se precocemente com Aparecido e era vítima de violência doméstica. Porém, Maria também sofria por ver seus filhos crescerem em um lar desarmonioso e inconstante.

Algumas das crianças pareciam com a mãe, outras com o pai, mas todas, sem distinção, carregavam as marcas de abandono: barriga grande, corpo frágil, e, principalmente, tristeza e medo que recendiam em seus olhos pela rotina de violência que tinham na própria casa (VIEIRA JUNIOR, 2019, p.128).

Prosseguindo a leitura, somos surpreendidos por um novo episódio de violência contra Maria Cabocla. A essa altura, já não era surpresa para Belonísia encontrar a amiga Maria machucada. “Aparecido estava a cada dia pior. Disse que se voltasse e a encontrasse em casa, que a mataria na frente dos filhos” (Vieira Junior, 2019, p.125). Belonísia, que já era viúva, não estava disposta a suportar ver sua amiga servindo de saco de pancadas do marido.

Não achava justo deixá-las aos cuidados de um bêbado. Estava farta de vê-la chegar desamparada. Ela parecia não querer ir, tinha o medo em seus olhos, mas cedeu. Fui buscar algumas coisas no armário de roupa para colocar no pequeno bocapio. Pensei em pedir a ajuda de algum homem, mas antes que externasse isso, Maria me disse que se um homem fosse à sua casa seria pior, poderia até haver morte, Aparecido tinha ciúme doentio dela. Desisti e decidi ir sozinha, em sua companhia (VIEIRA JUNIOR, 2019, p.125).

Chegando à casa de Maria, Belonísia se depara com um cenário lastimável repleto de moscas, roupas espalhadas, pratos sujos e paredes com buracos que davam para ver o outro lado. Limpou a sujeira e teve ali um momento de calma e tranquilidade ao lado da amiga. Uma semana depois, um novo episódio de agressões contra Maria aconteceu. Esse seria o último, como mostra a narradora, antes de Maria, incentivada pela coragem de Belonísia, colocar um ponto final nas ações de Aparecido. Após sofrer várias agressões, finalmente Maria Cabocla consegue expulsar Aparecido, tendo em Belonísia um porto seguro para enfrentar aquela situação:

Aparecido chorou pedindo perdão, dizendo que ele não era de fazer isso, que a bebida era uma desgraça em sua vida. Maria Cabocla aproveitou a fragilidade que ele transparecia para afastá-lo de vez.(...) Ele gritava entre lágrimas que a casa era dele, ele havia levantado, ele que havia pedido abrigo. A mulher parecia firme, e eu apoiava a sua resolução (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 133).

Outra história também protagonizada por mulheres é contada por Bibiana em **Fio de Corte**. As personagens são Crispina e Crispiniana, gêmeas, filhas de Saturnino, vizinhos de Bibiana e Belonísia em Água Negra. Elas são envolvidas em uma teia de sentimentos, pois Crispiniana amava Isidoro que era marido de Crispina. O clímax da trama das irmãs ocorre quando Crispina surta, pois

encontrou seu noivo deitado com a irmã na roça dele. Que foi tomada de um sentimento de amargor que nunca havia experimentado. Que já não atinava mais coisa com coisa e foi tomada de uma coisa ruim que a perturbou por completo. Só veio recobrar a consciência quando já estava instalada em nossa casa, há semanas, e aos

poucos foi recordando os dias que antecederam seu desaparecimento (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 31).

Porém, de modo surpreendente, após as irmãs engravidarem do mesmo homem e Crispiniana não ter leite para amamentar seu filho, é em Crispina, que teve seu filho natimorto, que ela encontra apoio, já que

A irmã que estava mergulhada na melancolia pela perda do filho, mas atenta ao desconforto revelado no constante berreiro do sobrinho, o abrigou em seu seio sem que ninguém precisasse pedir por isso. Talvez de forma instintiva tenha deixado a criança por si só perseguir seu leite que, mesmo passados tantos dias da chegada do filho natimorto, ainda minava feito uma fonte de água, como as que surgem nas serras que circundam a Chapada Velha. Era o gesto que faltava para unir as gêmeas, por um breve tempo, até as próximas disputas e brigas, num movimento de afeto e rancor que faria parte de seus dias até o fim de suas vidas (VIEIRA JUNIOR, 2019, ps. 53 e 54).

Além desses enredos repletos de segredos que nos são desvendados ao longo da leitura, temos ainda as histórias das protagonistas Bibiana e Belonísia, que apresentam pequena diferença de idade e são filhas do líder político e espiritual Zeca Chapéu Grande e Salustiana, parteira da região, juntamente com seu marido. Essas irmãs vivem um momento trágico, narrado por Bibiana na parte “Fio de corte”. Esse episódio em que Belonísia perde sua língua une ainda mais as duas irmãs, criando um elo de intimidade e cumplicidade durante a infância e o início da adolescência. O decorrer da leitura conta a história delas, e entrelaça a vida de outros personagens que são fundamentais para criar um enredo coeso.

Todos os personagens vivem sua vida em Água Negra, onde são sujeitos a condições análogas à escravidão, conforme nos mostra essa passagem do romance:

O gerente queria trazer gente que “trabalhe muito” e “que não tenha medo de trabalho” (...) para dar seu suor na plantação. Podia construir casa de barro, nada de alvenaria, nada que demarcasse o tempo de presença das famílias na terra. (...) Podia ficar naquelas paragens, sossegado, sem ser importunado, bastava obedecer às ordens que lhe eram dadas. Vi meu pai dizer para meu tio que no tempo de seus avós era pior, não podia ter roça, não havia casa, todos se amontoavam no mesmo espaço, no mesmo barracão (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 35).

É nesse cenário em que a força e coragem das personagens Bibiana e Belonísia afloram. Elas, que sempre foram unidas, acabam sendo peças fundamentais na luta pelo direito à terra e, mais do que isso, à dignidade daquele povo. Bibiana, que foi morar na cidade ao lado de Severo, seu primo-marido, depois de muito trabalhar, torna-se professora, conforme narração de Belonísia:

Bibiana contou que ela tinha feito um supletivo e no próximo ano ingressaria numa escola pública de magistério. Que trabalhava cuidando das crianças filhas de vizinhas para que pudessem trabalhar. Ganhava muito pouco com isso, mas era o que podia fazer com um filho de colo. Contou também que Severo trabalha na roça e frequentava atividades no sindicato dos trabalhadores rurais. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 114).

Severo torna-se ativista pela luta dos direitos do povo de Água Negra, um verdadeiro sindicalista e acaba levando Bibiana a enveredar pelo mesmo caminho. O ápice da atuação de Bibiana diante das maldades feitas pelos donos da fazenda Água Negra ocorre quando seu marido é morto cruelmente e a polícia atribui sua morte a uma disputa do tráfico de drogas na região, objetivando deslegitimar o movimento que estava prestes a acontecer. Bibiana começou a encabeçar um processo de reivindicação do status do território quilombola para aquelas terras que há décadas trabalhavam as famílias, mas que não tinham a sua posse.

Quando deram a liberdade aos negros, nosso abandono continuou. O povo vagou de terra em terra pedindo abrigo, passando fome, se sujeitando a trabalhar por nada. Se sujeitando a trabalhar por morada. A mesma escravidão de antes fantasiada de liberdade. Mas que liberdade? Não podíamos construir casa de alvenaria, não podíamos botar a roça que queríamos. Levavam o que podiam do nosso trabalho. Trabalhávamos de domingo a domingo sem receber um centavo (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 195).

Mesmo nervosa e sob o olhar atento do novo dono de Água Negra, Bibiana discursa diante dos seus vizinhos e parentes, palavras de revolta, indignação pela vida miserável que o povo levava, pelo sentimento de não pertencimento àquela terra que cresceu e viu seus parentes crescerem, na busca por encorajar a todos a mostrar a Salomão que aquele povo podia não ter estudo ou bens materiais, mas tinha a força do desejo de mudança e juntos estavam dispostos a lutar por seus direitos, pois a luta era desigual e o preço foi carregar a derrota dos sonhos, muitas vezes.

Chegamos à fazenda há muitos anos, cada um aqui sabe como foi. Essa história já foi repetida muitas vezes. Mil vezes. Muitos de nós, a maioria, posso dizer, nasceu nesta terra. Nasceu aqui, nesta terra que não tinha nada, só o nosso trabalho. Isto tudo aqui só existe porque trabalhamos essa terra. Eu nasci aqui. Meus irmãos nasceram aqui. Crispina, Crispiniana e a família também. E os que não nasceram, já estão a maior parte de suas vidas em Água Negra. Os donos pisavam os pés nesta terra só para receberem o dinheiro das coisas que plantávamos nas roças (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 194).

Belonísia, diferente de Bibiana, fica em Água Negra e tem sua vida marcada por momentos de alegrias e decepções. Um dos maiores arrependimentos de Belô, era assim que Bibiana também a chamava, era ter ido morar com Tobias. Inicialmente, Belonísia já teve a desagradável surpresa perante o estado em que se encontrava sua nova moradia, cercada de moscas e entulhos por toda parte. Feita a “limpeza” na casa, Belonísia começou a vivenciar os destemperos de Tobias que só pioravam dia após dia.

Tobias parecia não sentir satisfação pelo que eu fazia. Se queixava de algum objeto que procurava e não encontrava (...) A coisa ficou tão ruim que eu me antecipava, nem esperava ele pedir, já dava tudo em suas mãos: cinto, sapato, chapéu, gibão, facão, só para não o ouvir chamando «mulher». Me sentia uma coisa comprada, que diabo esse homem tem que me chamar de mulher, minha cabeça agitada gritava (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 101).

O comportamento de Tobias com Belonísia já era notório a ponto de seus pais ficarem preocupados com a filha:

A agressividade de Tobias cresceu nos meses que se seguiram, a ponto de minha mãe fazer chegar a mim um recado de meu pai: estava preocupado comigo e queria que voltasse para casa (...) Apenas queria zelar por sua filha para que nada de ruim acontecesse (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 117).

Primeiro Tobias reclamava dos afazeres domésticos, alegando que Belonísia mexia nas coisas ou as perdia, depois começou a tratá-la com insultos:

Tobias reclamava por pouca coisa, e quase sempre a culpa de tudo estava em mim. Bebia grande quantidade de cachaça, seus olhos ficavam vermelhos e pousavam no meu corpo quase sempre para acompanhar os insultos que me dirigia: lembrar que era muda, que passado tanto tempo não havia gerado filho como minha irmã, que não cozinhava bem, que perdia muito tempo arando o quintal, que não queria me ver na companhia de Maria Cabocla (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 117).

Não era uma vida de submissão a um marido abusivo que Belô queria passar o resto de sua vida. Ela já havia presenciado agressões físicas de Aparecido em Maria Cabocla e não estava disposta a esperar que Tobias saísse do abuso psicológico para o físico. Seu desejo era viver ligada às plantações e enterrar suas raízes naquele solo fértil onde seus antepassados estão enterrados e onde sua religião floresce.

Quanta gente foi adentrando na solidão de meu rancho e foi dizendo que era uma roça bonita, que era maior e mais bem cuidada que a roça de muitos homens? Se admiravam quando viam que trabalhava sozinha. Com os olhos, mediam meu corpo de cima a baixo, se pudessem me fariam disputar uma queda de braço com os homens, só para saber se a força para revirar a terra, para trabalhar o chão, vinha dele mesmo (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 135).

Passados os dias, Tobias morre. Belonísia não sofre, “não estendi minha mão sequer para ajeitar o filó que adornava a urna. Queria encerrar de vez aquele momento de minha vida” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 122). É após a morte de Tobias que Belonísia se impunha ainda mais diante das decisões de sua vida. Durante o período de estiagem e de duras dificuldades para o plantio da agricultura de subsistência, ela fazia sacos de farinha, agarrava-se à colheita do buriti e do dendê e, junto com Maria Cabocla e outras mulheres da fazenda, ia vender na feira da cidade, em busca de sustento para suas famílias. Mesmo após um novo acidente, desta vez um espinho que atravessou seu pé como um punhal, Belonísia não deixou de trabalhar e lutar, como podia, pelos seus direitos ao lado do seu povo em Água Negra. Belô “era da linhagem de Donana, a mulher que pariu no canavial, que ergueu casa e roça com a força de seu corpo” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 231). Ela mostra uma “formação” rígida para luta pelos seus direitos, pois enfrenta a violência, o machismo e a ganância dos poderosos para conseguir o direito à terra. Uma das passagens do texto mostra a determinação e coragem de Belonísia ao enfrentar o gerente da fazenda quando ele queria levar os melhores produtos que haviam sido

colhidos.

Encerrando a obra, temos a terceira parte intitulada **Rio de Sangue**. Essa parte é narrada pela entidade do Jarê, denominada de Santa Rita Pescadeira, que, através de suas andanças pelo tempo e corpos, presenciou diversos acontecimentos lançados nos monólogos/memórias das duas irmãs de Donana, que vão sendo descortinados ao decorrer da leitura. Além disso, viu diversas atrocidades dos homens para com os seus subordinados. Ela, que sempre buscava abrigo, tinha preferência por mulheres, pois dizia que “sentia o conforto de estar abrigada num corpo de mulher forte” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 199).

A entidade vai narrar a história da ocupação da Chapada Diamantina e se revelar como a força da natureza que desafia os limites da sanidade e da ética no enfrentamento de tão dura existência. Ela presenciou os escravos sendo castigados com enforcamento, os garimpeiros tendo suas mãos cortadas porque haviam “roubado” algum diamante, e foi testemunha ocular de várias insanidades decorrentes do modo de vida daquele povo.

Acudi uma mulher que incendiou seu próprio corpo por não querer ser mais cativa de seu senhor. Mulheres que retiravam seus filhos ainda no ventre para que não nascessem escravos (...)Mulheres que enlouqueceram porque as separaram dos filhos que seriam vendidos. Vi um senhor cruel deitar com mulheres negras e abandonar seus corpos castigados à morte, como se quisesse expurgar o mal que o fazia cair. Outro fez do corpo de seu escravo um reparo para o barco imprestável em que navegava. Entrava água na embarcação. O barco chegou ao seu destino com o homem afogado. Vi homens e mulheres venderem seus pedaços de terra por uma saca de feijão ou uma arroba de carne, porque não suportavam mais a fome da seca (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 183).

A entidade presenciou também a morte de Severo que é passada ao leitor através de uma narrativa bem descritiva, contando a reação comovente de Bibiana diante da cena do marido morto. Santa Rita ainda finda uma curiosidade do leitor, levantada no início da obra: Por que Donana guardava a faca com cabo de marfim escondida na mala de couro envelhecida, com manchas e uma grossa camada de terra acumulada sobre ela? A resposta é bem mais surpreendente do que apenas o desejo de guardar algo de valor. Essa faca escondia um segredo ainda maior relacionado ao “sumiço” de Carmelita, filha de Donana.

Santa Rita Pescadeira conta que um dos maridos de Donana - ela foi viúva por três vezes -, abusava sexualmente de Carmelita que, com medo da reação da mãe e dos demais, acabava escondendo os machucados. Há quanto tempo isso acontecia? Segundo Santa Rita, esses abusos iam entrar para o terceiro ano e Donana preferia não acreditar naquilo que seus olhos haviam presenciado há um tempo atrás quando

encontrou a filha Carmelita (...) debaixo do corpo do seu homem, de calças arriadas, na cama onde se deitava do cansaço sem fim, se envergou no chão como um jumento

que não quer seguir o caminho que lhe resta. Retesou todo o corpo como se nunca mais fosse deixar aquela posição (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 212).

O desfecho dessa história explica exatamente a reação de desespero de Donana ao ver um parente seu ser cortado por aquela faca. Depois de perder sua filha e de aguentar mais abusos psicológicos do até então seu terceiro marido, Donana põe um basta em todo esse ciclo de violência. Morte, essa foi a saída encontrada por ela.

Antes de pensar na justificativa que daria, sangrou o homem como se sangrasse um porco. Arrastou seu corpo com os bolsos cheios de pedras, que ela mesma colocou, para dentro do rio. Não temeu que viessem lhe perguntar pelo desaparecimento do companheiro nos dias que se seguiriam. Voltou para casa encharcada do esforço. As poucas horas desde que havia deixado sua morada para dar fim ao seu último erro nas terras de Caxangá foram suficientes para que sua filha fosse embora sem indicar o paradeiro (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 213).

As personagens femininas de “*Torto Arado*” retratam aquelas mulheres que são pouco faladas. O livro é permeado por muitas passagens que mostram um Brasil perverso por causa das desigualdades, discriminação, racismo e patriarcado. Belonísia e Bibiana, mesmo diante das adversidades em que foram criadas, mostram que o ambiente não pode determinar seu futuro e, diante dos problemas todos, independente do gênero, precisam lutar pelos seus direitos. Essas características femininas expostas na obra de Itamar Vieira Júnior são reflexo do olhar do autor diante de uma mulher que, mesmo no cenário pós-escravidão, sempre precisou vestir-se de coragem e força para enfrentar as adversidades da vida, conforme exposto na passagem: “Cada mulher sabe a força da natureza que abriga na torrente que flui de sua vida” (VIERIA JUNIOR 2019, p. 230). Assim, de um modo inteligente, o autor nos abrilhanta com uma visão crítica da juventude de Bibiana, perpassando pela maturidade de Belonísia e pela onisciência e onipresença de Santa Rita Pescadeira. O livro mostra as questões de raça e classe sob uma nova perspectiva, em um novo lugar e com novas figuras.

## **2. CONTEXTO SOCIOPOLÍTICO DA OBRA “TORTO ARADO”**

O romance de Itamar Vieira Júnior é ambientado em um período pós – escravidão em uma região do nordeste brasileiro, a Chapada Diamantina. Nesse cenário o autor retrata os acontecimentos atrelados às questões sociais e históricas pertinentes aos remanescentes da escravidão que ainda sofrem com questões intrínsecas dessa condição e dos problemas desencadeados por ela. Somado a isso, as personagens ainda descrevem cenas sobre as desigualdades e injustiças sociais entre a cidade e o campo, e as situações que passavam os trabalhadores das terras dos latifundiários. Esses trabalhadores cresciam sem nenhum direito àquela terra, que a qualquer momento podia ser retirada deles, como aconteceu com os

moradores de Caxangá, antiga moradia de Donana, que só não foi expulsa no mesmo período, por conta dos boatos de seus poderes e suas viuvezes.

Áquela altura, a terra da Fazenda Caxangá, que havia rendido fartura de frutos por toda a sua vida, estava retalhada. Cada homem com desejo de poder havia avançado sobre um pedaço e os moradores antigos foram sendo expulsos. Outros trabalhadores que não tinham tanto tempo na terra estavam sendo dispensados. Os homens investidos de poderes, muitas vezes acompanhados de outros homens em bandos armados, surgiam da noite para o dia com um documento de que ninguém sabia a origem (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 18).

Além disso, os moradores que vinham à Água Negra não podiam sequer construir suas casas com o mínimo de conforto, porque os donos da terra não queriam construção que demarcasse a temporalidade da presença das famílias. Havia também algumas exigências impostas a eles para moradia na fazenda:

Podia colocar roça pequena para ter abóbora, feijão, quiabo, nada que desviasse da necessidade de trabalhar para o dono da fazenda, afinal, era para isso que se permitia a morada. Podia trazer mulher e filhos, melhor assim, porque quando eles crescessem substituiriam os mais velhos. Seria gente de estima, conhecida, afilhados do fazendeiro. Dinheiro não tinha, mas tinha comida no prato (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 35).

Esses moradores oscilavam momentos de humilhação e desprezo por parte dos donos de Água Negra que visitavam o local apenas “para dar ordens, pagar ao gerente e dizer que não poderíamos fazer casa de tijolo” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 75). As mulheres cresciam para serem donas de casa e casar-se cedo, além de viverem sob constantes olhares machistas dos homens que visitavam e moravam em Água Negra.

Por isso, diferente das jovens de nossa idade, e mesmo com os olhares invasivos que nos despentalavam como flores, éramos quase intocáveis ao assédio tão comum dos homens sobre as meninas que chegavam à mocidade. Muitas caíam sob o peso da insistência, não resistiam às abordagens, e com as bênçãos dos pais se uniam com seus corpos ainda em formação. Sucumbiam ao domínio do homem, dos capatazes, dos fazendeiros das cercanias. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 45).

Outrossim, os moradores estavam à margem de seus direitos, como mostra a passagem da morte de Donana que, segundo relatado, imperado por uma certeza pouco sólida por Salustiana a suas filhas, chamava-se Ana.

De Donana só sabíamos que a chamavam assim, nem sabíamos o nome que sua mãe ou seu pai haviam lhe dado. Minha mãe apenas dizia que deveria ser Ana. Quando morreu, não tinha sequer documento, e como foi enterrada no cemitério da Viração, ninguém reclamou. (...) Minha mãe me contou que, ainda menina, Donana viveu na companhia da família do capataz que havia assumido sua guarda, servindo como empregada em sua casa na fazenda (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 147).

A falta de identidade dos moradores é tão enraizada que eles, talvez por falta de conhecimento, não se enxergam como pretos, escravos ou descendentes de escravos; fato comprovado que a palavra “quilombola” não compõe seu vocabulário. Miúda, a velha peregrina

prefere se autodefinir como índia, “porque os pretos não são bem-vistos, tiveram que deixar a terra; índio não deixa a terra, índio é tolerado” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p.198). Assim, “*Torto Arado*” nos mostra um racismo estrutural e histórico no Brasil e as consequências do seu silenciamento e invisibilização através do tempo.

Concomitante a essas passagens, lemos na obra as marcas de resistência da religião de matriz africana e indígena. É no Jarê que todos se encontram e acabam “esquecendo” um pouco dos problemas. Segunda narrado pelas personagens, essa é uma religião para cura da alma e do corpo através de ervas, rezas que buscam mitigar os problemas de saúde e mental que as pessoas tinham. O curador do Jarê era Zeca Chapéu Grande que além de tratar das doenças do espírito, ainda era o “médico” e parteiro da comunidade, pois as famílias de Água Negra “depositavam suas esperanças nos poderes de Zeca Chapéu Grande, curador de jarê, que vivia para restituir a saúde do corpo e do espírito aos que necessitavam” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p.27).

Zeca Chapéu Grande era o responsável pela condução do Jarê e emprestava seu corpo para ser “morada” para as entidades que vinham visitar aquele local. Mais uma vez, o autor enfatiza, de uma só vez, a forte presença feminina em “*Torto Arado*”, como também explicita a questão do patriarcalismo e machismo estrutural, pois mesmo pelo fato de Zeca Chapéu Grande não demonstrar machismo explícito em sua família, ele sente vergonha ao ter que incorporar uma entidade feminina.

Zeca Chapéu Grande se envergonhava de ter que deixar as calças que honravam a sua posição de liderança na fazenda, como pai espiritual, e vestir saias, emprestando seu corpo a uma mulher. Fazia porque era a sua obrigação, compromisso que havia assumido quando se curou da loucura e se fez no santo na casa de João do Lajedo, em Andaraí. Mas se envergonhava, porque a audiência era formada por seus compadres e vizinhos que muitas vezes conduzia nos trabalhos de mutirão para a fazenda (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 53).

Além de ser uma local de cura, nas noites de Jarê havia momentos de descontração. “Se era brincadeira de jarê, ficávamos acordados até a madrugada correndo pelo terreiro, contando histórias e rindo alto” (VIEIRA JUNIOR 2019, p.37).

O livro retrata contextos de uma vida pós-abolição da escravidão, que pouco fez diferença para os moradores de Água Negra que viviam situações análogas a isso, com a pequena diferença de que agora não usavam mais chicotes ou forcas. Eles agora tinham seu pedaço de chão para plantar sua batata-doce do café da manhã, sem se esquecer da “fatia” que caberia aos “bondosos” donos de terra que, “gentilmente”, permitiram que eles lá morassem e cuidassem das terras.

Os três capítulos que compõem o romance, “Fio de Corte”, “*Torto Arado*” e “Rio de Sangue”, são narrados por vozes, Bibiana, Belonísia e Santa Rita Pescadeira, respectivamente,

que dificilmente eram escutadas e/ou protagonizadas em romances e contos na produção literária do Brasil. Essas personagens expõem seus pontos de vista sobre a história narrada que complementando suas próprias histórias e de outros personagens.

As histórias narradas pelas personagens retratam uma realidade ainda presente no nosso país. Através de pistas, conseguimos estabelecer certa temporalidade do romance, como a menção à Ford Rural, à seca de 1932, a motocicleta, a chegada da televisão em preto e branco, que permitem com que nosso imaginário consiga situar o tempo em “*Torto Arado*”, ou continuar indagando a seguinte premissa: em que época se passa “*Torto Arado*”? É uma resposta que não é explicitada e, por isso, permite que findamos a leitura pensando que é uma história atemporal, passada na primeira metade do século XX?, ou no final do século XIX?, período pós abolicionista, no Brasil colônia, ou, pior ainda, no Brasil de 2022? Porém, imaginamos que se passa, aproximadamente, na década de 1950, segundo as pistas dada ao leitor.

A indagação que “*Torto Arado*” provoca no leitor é extremamente relevante, pois mesmo já estando distante mais de 130 anos da abolição da escravidão, ainda sofremos com uma ferida aberta: o trabalho escravo.

Desde 1940 temos leis que regulam o trabalho no nosso país, inclusive no que concerne à penalidade de reclusão, de dois a oito anos e multa, além da pena correspondente à violência, caso alguém submeta qualquer servidor a condição análoga à escravidão:

Art. 149. Reduzir alguém a condição análoga à de escravo, quer submetendo-o a trabalhos forçados ou a jornada exaustiva, quer sujeitando-o a condições degradantes de trabalho, quer restringindo, por qualquer meio, sua locomoção em razão de dívida contraída com o empregador ou preposto (Brasil, 1940).

Porém, mesmo com a lei regulamentando e tentando coibir um dos mais abjetos dos crimes contra a humanidade - a escravidão -, ainda temos casos análogos em nosso país. Por isso, e tendo em vista que nosso país foi a nação em que mais perdurou a escravidão (quase três séculos), ainda temos, por parte do Ministério Público, uma lista de empregadores que utilizam mão de obra análoga à de escravo, denominada de “lista suja”, é feita desde 2003 e atualizada a cada seis meses.

Segundo o Sindicato Nacional dos Auditores Fiscais do Trabalho - SINAIT, em 05 de abril de 2022, o Ministério divulgou uma lista atualizada com a inclusão de 52 empregadores que trabalham nessa situação. Assim, o cadastro passa agora a totalizar 89 empregadores autuados pelos Auditores-Fiscais do Trabalho nos últimos anos e incluídos na lista após exercerem seu direito de defesa em duas instâncias na esfera administrativa. (BOCHI, 2022).

### 3. INSTÂNCIAS NARRATIVAS EM “TORTO ARADO”

Textos considerados narrativos trazem como elemento organizador de todos os outros elementos do enredo, o narrador. É ele quem vai direcionar o leitor e entregar tudo aquilo que o autor pensou para a obra. Assim, a identificação desse narrador constitui um primeiro passo importante para analisar uma narrativa ficcional. (MARCUSCHI, 2002).

Diante disso, temos as instâncias narrativas literárias que podem apresentar-se de três modos: autodiegético, homodiegético e heterodiegético. Quando um narrador se coloca dentro da história narrada, isto é, quando ele relata suas experiências como um “protagonista” principal, utilizando, em tese, o registro da 1ª pessoa gramatical, dizemos que ele é um narrador autodiegético. É basicamente o que acontece com as três narradoras de “*Torto Arado*”, Bibiana, Belonísia e Santa Rita Pescadeira, nas partes “Fio de Corte”, “Torto Arado” e “Rio de Sangue”, respectivamente. Porém, a terceira narradora oscila em alguns momentos com outra forma de narração, a homodiegética.

O registro da pessoa gramatical pode não ser o único elemento que nos dê a certeza do tipo de narrador em questão, fato que leva o leitor a estar atento aos elementos que indiquem a condição de protagonista principal da história.

Segundo Reales e Confortin (2011), quando lemos um romance, como é o caso de “*Torto Arado*”, percebemos que os fatos narrados pelas personagens são contados sob seu olhar, no nosso caso o olhar de irmã, mãe e/ou entidade. Há na fala das personagens uma organização para o enredo narrado. Por esse motivo, os mesmos fatos de uma história poderiam ser contados várias vezes de modos diferentes. A entidade responsável pelo ato de produção do discurso é o narrador. Destarte, percebemos isso no desenrolar da leitura, quando Santa Rita Pescadeira vai contando as histórias que via em suas andanças ou quando já adentramos na segunda parte do romance, quando Belonísia conta sua versão sobre a noite que Bibiana, supostamente, a viu beijando Severo.

De modo geral, Bibiana e Belonísia podem ser enquadradas como narradoras autodiegéticas, enquanto que na terceira parte de “*Torto Arado*”, “Rio de Sangue”, narrada pela entidade do Jarê, vai mesclar momentos de narrador homodiegético e autodiegético. Em algumas passagens, é notório que temos marcas de uma narradora personagem, ou seja, autodiegética, como na passagem inicial da terceira parte, onde a narradora utiliza claramente as marcas do uso da primeira pessoa gramatical.

Meu cavalo morreu e não tenho mais montaria para caminhar como devo, da forma que um encantado deve se apresentar entre os homens, como deve aparecer por esse mundo. Desde então, passei a vagar sem rumo, arrodando aqui, arrodando acolá, procurando um corpo que pudesse me acolher (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 179).

Porém, a entidade, talvez por sua natureza de poder visitar vários lugares e ser testemunha de diversas histórias do povo de Água Negra, vivencia fatos. Porém não é a protagonista central daquele enredo narrado, como acontece quando ela narra, de modo bastante detalhado, sobre a morte de Severo, ou quando relata que, pelas suas andanças, presenciou diversas atrocidades de homens enforcando pessoas ou decepando mãos. Assim, podemos dizer que ela é também uma narradora homodiegética, pois

esse tipo de narrador se diferencia do heterodiegético porque retira de sua própria experiência como personagem as informações que lhe permitem contar a história, porém se diferencia também do narrador autodiegético porque não é o protagonista principal dessa história. Ele pode ir de simples observador a personagem secundário, mantendo, porém, uma relação de solidariedade com o personagem central (REALES e CONFORTIN, 2011, p. 85).

As narradoras de “*Torto Arado*” permitem ao leitor, de modo íntimo, acompanhar seu crescimento, amadurecimento e envelhecimento, já que o ser humano não é um estático. Elas emprestam seus olhos para que os leitores possam viver todo o desenrolar do enredo de modo muito próximo do que de fato aconteceu. Talvez essa seja a diferença de “*Torto Arado*”. Primeiro pela escolha forte do nome das narradoras, Bibiana, Belonísia que as marca de tal modo que, para quem gosta de literatura, basta ouvir seus nomes para remeter à obra; segundo pela forma como a obra conduz o leitor com sua oralidade.

#### **4. PERSPECTIVAS PÓS - MODERNAS EM “TORTO ARADO”**

A obra analisada nesta pesquisa foi escrita em 2019, pelo autor baiano Itamar Vieira Júnior. Como já mencionado, essa obra foi vencedora de alguns prêmios importantes como o Prêmio Leya, em Portugal, no ano de 2018, Prêmio Jabuti e o Prêmio Oceanos de literatura, no Brasil, em 2020. Situando nosso autor e sua escrita no ano de 2019, vamos tentar, de modo muito cuidadoso, elencar algumas características dessa obra dentro de uma literatura que apresenta perspectivas pós-modernas.

O pós-moderno, embora seja uma escola literária em constante formação, possui uma definição repleta de lacunas, ou até mesmo, distorções. O que se pode dizer, após passados os anos de observação, é que na literatura dos anos 60 e 70 há um olhar maior para as massas, talvez como reflexo do período de ditadura militar do nosso país. Na literatura dos anos 80, refletindo a conseqüente abertura política, vemos surgir vários nomes e modalidades literárias. Essa característica prevaleceu na década de 90, onde temos a permanência de uma narrativa curta, além da produção de obras memorialistas. Alguns autores acreditam ser mais prudente

falarmos que a literatura da pós-modernidade é resultado de uma profusão enorme de temas e de técnicas.

De modo cauteloso, podemos dizer que a literatura com perspectivas pós-modernas traz uma narrativa que abarca diferentes linhas temáticas. E percebemos de modo bastante recorrente na escrita de *“Torto Arado”* o posicionamento de uma narração que escancara um Brasil pútrido, imerso em problemas de desigualdades sociais, com suas cicatrizes ainda abertas com a prevalência de trabalho análogo à escravidão e a prevalência de uma cultura patriarcal e machista.

O espaço do sertão baiano, escolhido pela influência dos regionalistas da geração de 1930, segundo disse o autor em entrevista ao Programa Roda Viva, da TV Cultura (VIEIRA JUNIOR, 2021, on-line), não tem a aridez perene da caatinga de Graciliano Ramos, tampouco os caminhos d’água das veredas mineiras de Guimarães Rosa. A paisagem da Chapada baiana, composta por buritis e águas negras, toma um caráter de personagem à medida que se molda à subjetividade das personagens e às tramas do enredo. Assim como os personagens vão amadurecendo e envelhecendo, a paisagem em volta não fica estática, caminhando viva ao lado da temporalidade repassada por suas narradoras.

Podemos destacar como perspectivas pós-modernas na escrita de *“Torto Arado”* a sua relação com uma linguagem coloquial, enraizada com os costumes oriundos de Água Negra, a menção recorrente aos costumes religiosos do Jarê, além da crítica severa à sociedade machista, escravista e desigual.

## **5. O PODER DAS REPRESENTAÇÕES COLETIVAS E AS IDENTIDADES SOCIAIS**

Podemos dizer que o conceito de representação está relacionado, de certo modo, ao pensamento sociológico. Sobre essa temática temos os postulados de Émile Durkheim e Marcel Mauss que, no período clássico, trabalharam as representações enfatizando que seria uma maneira de análise da realidade coletiva, uma vez que se voltava para os fundamentos, crenças e vivências de um grupo social.

Esses pensadores também são objeto de análise do estudo de Chartier (1991) intitulado *“O mundo como representação”* o qual nos mostra que o conceito de representação retoma *“um trabalho de classificação e de recorte que produz configurações intelectuais múltiplas pelas quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade”* (Chartier, 1991, p.183). Ainda segundo Chartier (1990), agora em sua obra intitulada *“A história cultural: entre práticas e representações”*, o autor afirma que a percepção do social não causa um discurso neutro, pois produz estratégias e práticas, com a tendência de

inculcar uma realidade em detrimento de outras. “Essas representações são postas em um terreno de disputa cujos desafios se manifestam em torno do poder e dominação” (CHARTIER, 1990, p. 17). Para o autor:

Desta forma, pode pensar-se uma história cultural do social que tome por objeto a compreensão das formas e dos motivos - ou, por outras palavras, das representações do mundo social - que, à revelia dos atores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostaria que fossem”. (CHARTIER, 1990, p.19)

Chartier considera que uma obra pode ser lida e compreendida quando se é dada a devida relevância ao contexto em que foi produzida. Assim, quando vamos à raiz do nosso processo civilizatório, ao lermos obras de autores que se debruçam sobre a sociedade e seus constituintes, isto é, quando saímos da esfera do discurso e vamos aos fatos, questionando a ideia de fonte como mero instrumento de mediação e testemunho de uma realidade, além de considerar as representações como realidade de múltiplos sentidos, mesmo porque a representações do mundo social, assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de um grupo que a forjam.

Assim, quando o autor escreve sobre a realidade de um determinado grupo social, não podemos tratá-la como homogênea a todos que compõem esse grupo. Constatamos isso, ao realizar a leitura de “*Torto Arado*”, de Itamar Vieira Júnior. O autor escreve sobre a vida de moradores da fazenda Água Negra, composta por fazendeiros e trabalhadores, localizada na Chapada Diamantina. No entanto, esses personagens diferem em suas culturas, situação financeira e realidades impostas pela fome, seca e injustiças sociais.

O cenário retratado em “*Torto Arado*” mostra que a sociedade brasileira é formada por pessoas que vivem em realidades muito distintas. Temos a violência doméstica de cunho físico e psicológico vivida pelas personagens Belonísia e Maria Cabocla, agricultores que sofrem com a seca extrema, além da presença análoga ao trabalho escravo, mesmo após sua abolição.

Estamos no ano de 2022, porém, ao ler “*Torto Arado*”, fazemos imediata relação com relatos sobre trabalhos análogos à escravidão veiculados nos sites de notícias. O portal de notícias Repórter Brasil, fundado em 2001, tornou-se uma das mais importantes fontes de informação sobre trabalho escravo no país. Segundo a reportagem de Zocchio (2022), trabalhadores de uma empresa em Monte Carlo, que tem fazendas e unidades industriais no interior de São Paulo e em Santa Catarina, sofriam com condições de trabalho precárias, falta de apoio médico, alojamentos lotados, mesmo diante da pandemia do COVID-19, e salários abaixo do que havia sido acordado.

Tais situações mostram que, mesmo em pleno século XXI, com 134 anos distantes da assinatura da abolição da escravidão, as representações coletivas não refletem, verdadeiramente, os indivíduos que compõem nossa sociedade. Situações como as retratadas em *“Torto Arado”* e na reportagem acima mencionada, são reflexos de uma estrutura social baseada na desigualdade e no patriarcalismo.

Indo de encontro a exposição de personagens idealizados, principalmente mulheres, *“Torto Arado”* mostra a representação feminina através de personalidades fortes, resilientes que tomam a direção de suas vidas, mesmo diante de um cenário caótico formado por um machismo enraizado e experiências penosas que as cercam diariamente.

Nessa seara de experiências, temos a personagem de Maria Cabocla que tem sua história narrada por Belonísia, na parte *“Torto Arado”* do romance. Maria sofre violência física e psicológica, fruto de um casamento precoce com Aparecido e só interrompe esse ciclo de violência após o apoio incondicional que recebeu de Belonísia. De maneira análoga, Belonísia também se submete a um casamento precoce com Tobias, porém, mostrando uma personalidade mais firme, talvez até mesmo por conta da criação que recebeu de seus pais, Zeca Chapéu Grande e Salustiana, ela não fica muito tempo sujeita aos desmandos de Tobias que, posteriormente vem a falecer, resultando em sentimento de alívio em Belonísia:

Durante todo o velório, só olhei para o rosto de Tobias uma única vez, mesmo assim guardando certa distância de seu corpo. Tinha um ferimento pequeno na testa, e mesmo depois de limpo, continuava a minar um líquido transparente como sangue desbotado. Mas não estendi minha mão sequer para ajeitar o filó que adornava a urna. Queria encerrar de vez aquele momento de minha vida. Tentei apressar o fim do funeral apertando minha irmã para que conduzisse a saída do cortejo (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 122).

Assim como a irmã, Bibiana também perde o marido. No entanto, a morte de Severo fez com que Bibiana se revestisse de tristeza e força para, juntamente com as demais personagens de *“Torto Arado”*, lutassem por justiça e pelo direito à posse das terras da fazenda Água Negra.

Através dessas breves passagens, ratificamos o que Chartier (1991) já havia expressado a respeito das representações coletivas e identidades sociais: A sociedade em si é composta por grupos sociais que possuem suas peculiaridades, que impulsionam o desejo de mudança e justiça expresso pelas personagens de *“Torto Arado”* que, apesar de carregarem o fardo de uma vida árdua e desigual, conseguem ser resilientes perante as injustiças e intempéries resultantes de uma sociedade machista, patriarcal e preconceituosa.

## 6. PERCURSO METODOLÓGICO

A metodologia de um trabalho científico refere-se ao percurso realizado pelo autor/pesquisador que, através de métodos e procedimentos técnicos, possibilita a construção de estudos mais aprofundados sobre determinado tema, gerando segurança e veracidade nos resultados alcançados, pois os objetivos previamente determinados foram alcançados. Assim sendo, infere-se que metodologia é “a explicação minuciosa, detalhada, rigorosa e exata de toda ação desenvolvida no método (caminho) do trabalho de pesquisa” (KAUARK; MANHÃES; MEDEIROS, 2010, p.53). Desse modo, busca-se o desenvolvimento de uma pesquisa a qual ofereça a compreensão da representação da mulher dentro da obra “*Torto Arado*”, de Itamar Vieira Júnior. Para isso, partimos da formulação de um problema e de sua definição com o intuito de ajudar na concepção e identificação de outros conhecimentos e instrumentos, importantes ao problema, que nos auxiliaram na busca pela resposta levantada através do nosso problema de pesquisa. É relevante essa formulação porque

No processo de investigação social, a primeira tarefa é escolher o problema a ser pesquisado. Esta escolha, por sua vez, conduz a indagações. Por que pesquisar? Qual a importância do fenômeno a ser pesquisado? Que pessoas ou grupos se beneficiarão com os seus resultados? (GIL, 2008, p.34).

Para o alcance da resposta ao nosso problema de pesquisa dispomos de um objetivo geral e três específicos, que nortearam a pesquisa para responder ao questionamento proposto.

Ainda em relação aos objetivos, utilizamos uma investigação de caráter descritivo e exploratório, por esta detalhar e compreender um determinado fenômeno podendo auxiliar na essência de sua explicação. Como indicado em Gil (2002, p.41), pesquisas exploratórias oferecem maior proximidade com a problemática levantada, uma vez que tendem a torná-la mais objetiva ou, até mesmo, a produzir hipóteses e, em grande parte das vezes, inclui um levantamento bibliográfico. Ele (2002, p.42) ainda pondera que o estudo descritivo “tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno”.

Além de proceder com a pesquisa bibliográfica, também utilizamos a documental. No que se refere à pesquisa documental, para Gil (2008, p. 51)

Assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A única diferença entre ambas está na natureza das fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa.

Igualmente, recorreremos à consulta do romance “*Torto Arado*” de Itamar Vieira Júnior, que é o foco da nossa análise. Relacionado à abordagem, utilizamos a qualitativa que, segundo Denzin e Lincoln (2006),

o pesquisador qualitativo que emprega a montagem é como um confeccionador de colchas ou um improvisador no *jazz*. Esse confeccionador costura, edita e reúne pedaços da realidade, um processo que gera e traz uma unidade psicológica e emocional para uma experiência interpretativa”.

A escrita do romance é sempre fluída, modulada e com a busca notável de precisão da palavra. Percebe-se também a preocupação do autor no uso de adjetivos e no cuidado com uma escrita que descreva de forma pormenorizada as cenas, como percebe-se na passagem inicial da cena do corte de Belonísia:

Quando retirei a faca da mala de roupas, embrulhada em um pedaço de tecido antigo e encardido, com nódoas escuras e um nó no meio, tinha pouco mais de sete anos. Minha irmã, Belonísia, que estava comigo, era mais nova um ano. Pouco antes daquele evento estávamos no terreiro da casa antiga, brincando com bonecas feitas de espigas de milho colhidas na semana anterior. (Vieira Junior, 2019, p.09).

Já o uso de metáforas é percebido no título do romance “Torto Arado” uma vez que a palavra arado é associada à ideia de terra, como também no próprio ato da escrita que sendo uma desenvolvida após a outra, assemelhando-se ao traçado de um arado.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita de uma obra literária, ressalvadas as devidas exceções, acaba refletindo a sociedade vigente à sua época. Essa reflexão pode estar na escrita, nos costumes e nas ideologias da geração em que essa obra foi elaborada. Não obstante a isso, percebemos que a imagem da mulher também acompanhou essa tendência. Se antes, em muitos romances nacionais, o local reservado a mulher era apenas o casamento e os filhos, Itamar Vieira Junior, com sua escrita no século XXI, conseguiu mostrar muito além dessa realidade. Mais ainda, pois trouxe como narradoras mulheres pretas, as quais sempre tinham reservadas as posições secundárias e subservientes, senzalas e cozinhas, sendo esse arquétipo modificado, agora ganhando destaque e protagonismo de guerreiras. Essas mulheres e todos os personagens que são relatados por elas, principalmente os moradores de Água Negra, carregam uma herança cultural deixada pela escravidão: a miséria e o abandono social.

A leitura da obra com suas nuances entre mistério, segredos e magias apresenta de modo bastante realista a vida servil de trabalhadores, herança abominável da escravidão, mas que ainda se constitui como a ossatura de um Brasil que apresenta, em pelo século XXI, uma formação incompleta.

Em tese, esse cenário seria propício para o autor descrever uma mulher servil, submissa ao marido e sem posicionamento crítico. No entanto, é através dos olhos de Bibiana, Belonísia e Santa Rita Pescadeira que nos são repassadas a força e a superação das mulheres de “*Torto*

*Arado*”. Como por exemplo a história de Donana, avó de Bibiana e Belonísia, que, após presenciar seu marido abusando sua filha, talvez por medo ou vergonha, prefere se calar por anos. Porém, o instinto de justiça latente em Donana faz com que, após alguns anos, mate o marido para vingar sua filha do abuso sofrido, mesmo sendo tarde demais, pois Carmelita já havia ido embora sem deixar notícias.

Bibiana e Belonísia vivenciam a história que atravessa toda a trama, o corte na língua de Belonísia que a torna dependente, até certo ponto, de Bibiana. Por isso, além de expor as mazelas de uma vida de sofrimento e humilhação, elas são responsáveis por escancarar um fato de extrema importância: que a linguagem veio antes da língua, e que é – multiforme e política – registra sentidos e constrói a educação. A união das irmãs atravessa a adolescência e apenas é abalada com a chegada de seu primo Severo que, mais tarde, torna-se marido de Bibiana. No entanto, com o passar dos anos, as irmãs se reencontram em Água Negra, unindo-se novamente. Agora, a união decorre do luto que Bibiana passava, visto que Severo havia sido morto injustamente, apenas por querer justiça para o povo de Água Negra.

Na segunda parte do livro, que tem o mesmo nome do título da obra “Torto Arado”, temos os detalhes da vida de superação de Belonísia que, após a partida de Bibiana e Severo para “cidade grande” acaba rendendo-se ao pedido de Tobias e junta-se a ele. Essa união trouxe inúmeras tristezas para Belô que, assim como Bibiana, também viria a ficar viúva, só que, diferente da irmã, a morte de Tobias foi recebida com um alívio e com um sentimento de liberdade para Belonísia.

Na última parte, intitulada “Rio de Sangue”, temos como narradora a entidade Santa Rita Pescadeira que, comportando-se ora como narradora autodiegética e ora como homodiegética, vai descortinando os segredos guardados pelos personagens, visto que presenciou diversas vivências deles ao longo de suas andanças.

As irmãs, Bibiana e Belonísia, lembram as mulheres que renunciam a sua vida para cuidar da família e/ou àquela que estuda e vem lutar por seus direitos na linha de frente. Por isso, a presente pesquisa, ao se propor observar como é a representação da mulher na obra de Itamar Vieira Júnior, constata que autor exalta o feminino ao fazer uma narrativa protagonizada por mulheres, o que leva o leitor a visualizar uma realidade vivida por muitas famílias onde, mesmo em uma sociedade patriarcal, as mulheres são protagonistas.

O protagonismo das irmãs envolve a tomada de decisões sobre a sua própria vida, de seus familiares, seu trabalho, sua vida financeira e outras atribuições que o sexo feminino precisa abarcar. É justamente as características das protagonistas, diante dos fatos narrados em “*Torto Arado*” que tornam o livro fascinante. As protagonistas evocam as memórias familiares

e afetivas, por meio de uma relação com o campo ou por meio das lembranças que os pais, avós, bisavós que tiveram esse contato com o campo, e sofreram como as personagens principais com as injustiças e atos desumanos de seus “senhores”.

Além disso, as irmãs não trazem o sentimento de competição. Muito pelo contrário, embora em algum momento algumas rugas tenham surgido por um mal entendido de Bibiana, no final, elas demonstram que são complementares, pois há um sentimento de cumplicidade e solidariedade que as unem, que pode ser visualizado nos momentos de maiores adversidades que elas passam durante o romance. Esses episódios as unem, formando elos de força e resistência perante as violências do Estado e a própria violência da história daqueles que lutam pelos seus direitos, ativistas, sindicalistas que perdem a vida para proteção da terra.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOCHI, Andrea. **Lista Suja do Trabalho Escravo é atualizada com a inclusão de 52 empregadores**. Sinait, 06 de abril de 2022. Disponível em: <<https://sinait.org.br/site/noticia-view?id=19854%2Flista+suja+do+trabalho+escravo+e+atualizada+com+a+inclusao+de+52+empregadores>>. Acesso em 04 de jun de 2022.

BRASIL. Decreto-Lei 2.848, de 07 de dezembro de 1940. **Código Penal**. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, 31 dez. 1940.

CHARTIER, R. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, [S. l.], v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601>. Acesso em: 22 jun. 2022.

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

DEL PRIORE, Mary (org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2001.  
GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008

KAUARK, Fabiana da Silva; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da Pesquisa: um guia prático**. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

REALES, Liliana; CONFORTIN, Rogério de Souza. **Introdução aos Estudos da Narrativa**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.

VIEIRA JUNIOR, Itamar Rangel. **Currículo do sistema currículo Lattes**. [Brasília], 02 mai. 2022. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/1301428134219137>. Acesso em: 02 mai. 2022.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto arado**. 1ª Reimpr. São Paulo: Todavia, 2019.